

APRESENTAÇÃO:

Jesus Marmanillo Pereira (UFPB)
João Victor Mendes (UFPB)
Vivianne de Oliveira Costa (UECE)

A noção de imaginação sociológica (Mills, 1982) transcorre justamente como uma forte crítica a uma concepção de sociedade abstrata desenvolvida principalmente no funcional estruturalismo parsoniano. No contexto de problematização de uma sociedade urbana, isso implica na capacidade analítica de transitar entre os cotidianos e situações mais imediatas experienciadas pelos indivíduos e as pressões e contextos mais objetivos e gerais, geralmente caracterizados nas instituições.

Dessa maneira, ao analisar diferentes tradições sociológicas, Mills (1984) nota que todas possuem em comum uma consciência imaginativa alicerçada em questões que vão desde as composições estruturais e funcionais das sociedades até as variedades de homens e condutas que a constitui. Por isso ele explica que “a imaginação sociológica permite entender como o contexto histórico influencia a vida pessoal e profissional das pessoas, mostrando que elas podem ter uma percepção equivocada de sua posição social (Mills, 1984, p.11)”, bem como possibilita interpretar que na maioria das vezes os indivíduos não percebem corretamente a própria posição na sociedade. Para situar essa noção em relação à área compreende-se que:

A imaginação sociológica é um atributo que se enriquece com a dupla socialização e a socialização divergente e desconstrutiva que nessa duplicidade há. É o que cria a competência para a alteridade, algo que a sociologia descobriu e incorporou em especial na orientação metodológica de Emile Durkheim, quando estabelece as regras para observação dos fatos sociais como coisas. Em outra perspectiva e por implicação, o tema reaparece em Mannheim, na análise do “problema da *intelligentsia* socialmente desvinculada”. Em orientação mais microssociologia, pode-se ver aí uma sugestão de função metodológica da desvinculação, um modo de ver na perspectiva do outro decorrente da específica socialização desvinculadora do sociólogo de uma situação de classe social (Martins, 2014, p.33)

Para Martins (2014) a observação em campo possibilitará a criatividade na pesquisa, conforme for mais apoiada na linguagem do outro. Ela opera justamente no conflito e no confronto, grosso modo, aspectos não tão

valorizados no viés estrutural funcionalista parsoniano. Induz, portanto, para uma operação socio[lógica], no sentido de operar com a experiência cotidiana, tomando-a em relação à processos de interpretação e interação que escapam da observação e contexto mais imediato e local relacionados aos indivíduos, e não o contrário, unicamente com estruturas determinando o curso da vida.

Por esse caminho é que a “grande promessa” da imaginação sociológica é da compreender as relações entre biografias e história, considerando que é impossível uma jornada intelectual completa sem a análise das interligações desses dois campos. A riqueza dessa abordagem ocorre justamente pela capacidade de trânsito, movimento e conexão entre recortes, campos de estudo e de observação, rompendo com abordagens que tendem a isolar os fenômenos observados de maneira bastante especializada. Por isso:

Talvez a distinção mais proveitosa usada pela imaginação sociológica seja a entre as perturbações pessoais originadas no meio mais próximo e as questões públicas da estrutura social. Essa distinção é um instrumento essencial da imaginação sociológica e uma característica de todo trabalho clássico na ciência social (Mills, 1984,p.14)

Tal vertente nos possibilita compreender o pesquisador urbano como um tipo de *flaneur*, não apenas em relação a experiência cotidiana na cidade, mas como essa pode ser intersectada por biografias e histórias. Seguindo nessa perspectiva Mills(1984) considera que os pesquisadores devem observar tanto o próprio indivíduo e suas relações próximas - estando ligadas à sua identidade e ao círculo social que ele vivencia diretamente- quanto aspectos sociais que envolvem temas que vão além do ambiente íntimo do indivíduo, estando relacionadas à organização dos diversos espaços sociais por meio das instituições que compõem a sociedade.

A estrutura para ele não existiria a priori, mas seria constituída de uma variedade de ambientes relacionada aos indivíduos e instituições que se misturam e se influenciam, constituindo uma dinâmica própria e histórica. Portanto, seria fundamental buscar sempre a relação entre as questões públicas para a coletividade e as preocupações chaves dos indivíduos para compreender as atribuições de sentido e significações que marcam essa teia de relações e sua relação com a cultura e poder.

Este dossiê reúne cinco estudos que exploram as múltiplas formas de viver, ocupar e transformar o espaço urbano em diferentes regiões do Brasil, demonstrando como sujeitos periféricos constroem significados, enfrentam desafios e reinventam suas relações com o território, a moradia, a cultura e a mobilidade. Assim, o dossiê propõe uma leitura crítica da cidade como espaço

de conflito, pertencimento e resistência, articulando vivências concretas com reflexões teóricas sobre urbanização, políticas públicas, violência, cultura popular e desigualdade.

No primeiro artigo, “Sinto que minha casa não é esse pedaço de beco [...], mas toda a comunidade”, Williane Juvêncio Pontes investiga a Comunidade do Timbó, em João Pessoa, a partir das narrativas de suas moradoras. A autora revela como a geografia interna do bairro — dividida entre parte alta e parte baixa — adquire significados simbólicos que moldam afetos, vínculos e percepções sobre o morar. A experiência de habitar o Timbó é marcada por ambivalências: o desejo de pertencimento convive com a vontade de se diferenciar da condição de morador, num jogo contínuo entre o gostar e o desgostar, o acolhimento e a exclusão.

Em “Condominização do cotidiano: a moralização do espaço de morar no Residencial Camboa”, Maysa Mayara Costa de Oliveira analisa os efeitos sociais de um projeto habitacional do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) em São Luís. O Residencial Camboa, inicialmente apresentado como símbolo de dignidade para famílias que viviam em palafitas, tornou-se palco de disputas territoriais, violência urbana e conflitos entre moradores de diferentes origens. A autora propõe o conceito de “condominização da vida social” para compreender como o modelo de moradia em apartamentos reconfigura as relações cotidianas, a noção de propriedade e os modos de viver dos sujeitos periféricos.

O terceiro artigo, “Viúvas da Torre: fortalecimento cultural em um bloco carnavalesco de João Pessoa-PB”, de Nayara Gomes Leite, Mikaella Macêdo Silva e Jesus Marmanillo Pereira, apresenta o bloco carnavalesco como expressão de resistência e identidade comunitária no bairro da Torre. Com mais de 30 anos de história, o bloco Viúvas da Torre ultrapassa o carnaval e se afirma como espaço de sociabilidade, organização popular e valorização da cultura local. A pesquisa, baseada em entrevistas e observação direta, revela como o evento transforma o ambiente urbano em território simbólico, articulando práticas culturais, relações sociais e memória coletiva.

No texto “Quem tem direito à cidade? O caso de Nova Iguaçu sob a ótica da mobilidade urbana”, Lilian Cristina Gomes Ribeiro discute a segregação socioespacial na Baixada Fluminense a partir dos desafios da mobilidade. A autora mostra como a precariedade dos transportes e a falta de integração entre modais dificultam o acesso a serviços, lazer e oportunidades, especialmente nas áreas periféricas. A mobilidade urbana, entendida como direito e condição de cidadania, é analisada como fator central para a construção de uma cidade mais justa e acessível.

O último artigo, “Trabalho, violência e medo: experiências e perspectivas dos mototaxistas de São Bernardo – MA”, Suzana Dantas dos Santos e Clodomir Cordeiro de Matos Júnior apresentam uma pesquisa de campo com trabalhadores do transporte informal em uma cidade marcada pela ausência de transporte público. Através de entrevistas com mototaxistas, o estudo revela como esses sujeitos — em sua maioria pobres, com baixa escolaridade e sem habilitação formal — enfrentam o medo, a violência e a precariedade para garantir a mobilidade da população. O trabalho evidencia a importância desses profissionais na dinâmica urbana local e os riscos que enfrentam cotidianamente.

Juntos, os textos deste livro oferecem um panorama plural e profundo sobre os modos de habitar, resistir e transformar os espaços urbanos brasileiros. A obra é um convite à escuta das vozes periféricas e à reflexão sobre as políticas, práticas e afetos que moldam nossas cidades.

De maneira singular, os textos reunidos neste dossiê são próximos da noção de imaginação sociológica proposta por C. Wright Mills já que se pautam nas relações entre experiências individuais com estruturas sociais mais amplas. Cada estudo convida o leitor a enxergar além das vivências particulares — seja o sentimento ambivalente de pertencimento na Comunidade do Timbó, os conflitos no Residencial Camboa, a resistência cultural do bloco Viúvas da Torre, os desafios de mobilidade em Nova Iguaçu ou a precariedade enfrentada pelos mototaxistas de São Bernardo — e a compreender como essas trajetórias produzem e são produzidas nas paisagens da cidade.

Exercitam a imaginação sociológica como prática artesanal, no sentido explicado por Castro (2009) quando nota que para Mills pode ser compreendido como um artista *bricoleur* e artesão atento para as combinações não previstas de elementos, pois evita normas e procedimentos que caracterizem algum tipo de fetichismo do método e da técnica.

Enfim, esperamos que o dossiê possibilite ricos diálogos e reflexões sobre problemas de sociologia e antropologia urbanas, bem como ricas interlocuções metodológicas e maneiras de abordar a cidade em seu aspecto plural.

Referências

CASTRO, Celso. **Introdução: Sociologia e a arte da manutenção de motocicletas**. In: MILLS, C. W. Sobre o artesanato intelectual e outros. ensaios. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.

MARTINS, José de Souza. **Uma sociologia da vida cotidiana – ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes. , de Wright Mills e de Henri Lefebvre**. São Paulo: Editora Contexto, 2014. 224p.

MILLS,. Charles. Wright. **A imaginação Sociológica**. Tradução: Walten sir. Dutra. 6ª ed. Zahar. Rio de Janeiro, 1982. p.246.